



Qual é a minha vocação - A dura escolha dos jovens em um mundo sem emprego



Diante da multiplicação de cursos e das dificuldades do mercado de trabalho, os jovens se perdem e se angustiam na hora da escolha da profissão. Mas você pode dar ferramentas para seu filho optar tornando-se co-piloto nessa viagem

Regina Valadares | Foto Karine Basilio

Escolha profissional

Na terceira série do ensino médio, no auge da adolescência, ainda lutando com as espinhas do rosto, o jovem precisa decidir o que vai ser quando crescer. Alguns poucos sabem desde sempre. Nasceram com a tal da vocação, uma espécie de voz interior, um dom para realizar algo com muita facilidade e com qualidade. Mas é raro. A maioria não tem muita idéia do que fazer. Olha em volta em busca de alguma identificação - o amigo que está fazendo engenharia, o pai que é um advogado bem-sucedido, o economista que foi dar palestra -, embaralha-se em dúvidas e pena para descobrir seu talento.

O ideal seria que as escolas se preocupassem em encaminhar os alunos de acordo com suas habilidades, oferecendo orientação desde cedo. Ou, então, que essa escolha acontecesse mais tarde, quando o jovem tivesse mais maturidade emocional e vivências acumuladas. Mas a hora é determinada socioculturalmente e não se pode fazer nada a não ser lidar com essa realidade", diz Silvio Bock, pedagogo e diretor da Nace - Orientação Vocacional e Redação. Além disso, escolher será sempre difícil, porque significa ficar com uma alternativa em detrimento de outras que se mostram igualmente atraentes. Para completar a angústia, são mais de 150 cursos, com nomes que dão poucas pistas sobre sua exata natureza. Ciências fundamentais da saúde, naturologia, design e planejamento de

games, gestão ambiental, gerontologia... A cada ano surgem novas e enigmáticas profissões para assustar os pais e aumentar a indecisão dos filhos. Ao contrário do que se imagina, porém, essa insegurança é um sintoma saudável e produtivo. "Com muitos caminhos abertos à sua frente, o indeciso às vezes escolhe melhor do que aquele que tem a certeza apoiada em uma fantasia", afirma Silvio."

As exigências não são poucas: descobrir uma profissão de que goste, que dê dinheiro, que tenha um mercado de trabalho promissor e que, se possível, corresponda às expectativas dos pais! "Quem se sente muito perdido pode começar eliminando o que não gosta", sugere o pedagogo. E reunir informações sobre os cursos que têm a ver com seus interesses e habilidades. Pesquisar em guias de estudante, navegar nos sites de carreira, conversar com pessoas da área... Se continuar indeciso e inseguro, o ideal é participar de um trabalho de orientação vocacional. "O ser humano se adapta a qualquer profissão, mas é importante que opte por aquela em que exercer suas melhores características", explica Perosa, psicoterapeuta e professor de psicologia adolescência da PUC. "Esse é um momento de decisão vai comprometer os próximos anos da vida do estudante. A orientação vocacional é uma forma de acalmá-lo para fazer uma opção consciente, baseado em informações relevantes", completa. Ilan Fiszbejn viveu a aflição da busca. Como era ligado em esporte, vestibular para educação física aos 17 anos. Entrou, cursou um ano e meio e saiu. "Não correspondeu minhas expectativas. Vi que não dava para ganhar dinheiro legal", justifica. O pai, então, sugeriu que viajasse. Ele passou um ano fora: seis meses num kibutz, Israel, e mais seis em Londres, trabalhando como e curtindo. Depois voltou, sem a menor idéia fazer. "Nada me agradava, não me via cursando nenhuma faculdade e fui ficando até meio deprê", conta. Agoniado, aceitou a sugestão da mãe de buscar orientação profissional. Com 21 anos, tomou então a decisão cursar moda. "Fui vendo os meus interesses, a história da minha família - meu avó teve fábrica, minha mãe trabalha com tecidos -, sempre me liguei em roupa, em me vestir legal. Comecei a pesquisar como era a faculdade de moda e me decidi por ela. Quero ter a minha marca, desenhar os modelos e administrar o meu negócio.

"Além de informação, autoconhecimento é essencial para acertar na escolha. "Pais presentes conhecem bem seus filhos e devem atuar como um referencial externo para eles se perceberem melhor", ressalta Iaci Muniz, psicóloga e consultora de carreira. "Podem fornecer pistas para o jovem se conhecer mais apontando os caminhos que ele costuma trilhar: o canal de TV a cabo preferido, as revistas que compra, suas habilidades. Com esses subsídios, fica mais fácil identificar as profissões com que tem afinidades."

laci acredita que, por excesso de liberalismo, alguns pais se omitem com a desculpa de não querer influenciar. "Os que se abstêm de dar opinião estão abandonando o filho à própria sorte." Para ela, o segredo está numa conversa sem autoritarismo e sem exigências de que o adolescente cumpra as expectativas da família.

Portanto, se quer evitar que seu rebento tome uma decisão apressada só para agradar em casa, controle a ansiedade. A sua e a dele. Ajuda se você se conscientizar de que nenhuma opção profissional precisa ser definitiva. "Pensar em algo para sempre tem um peso enorme. A profissão é uma escolha que se renova. Não é destino", esclarece Miguel Perosa. Novos caminhos podem surgir durante a faculdade, o que não deve ser visto como sinal de indefinição, e sim de procura autêntica. "Mais preocupante é o estudante que não muda, porque com certeza será um profissional frustrado, com poucas chances de fazer uma carreira de sucesso", explica Leo Fraiman, especialista em psicologia escolar. Mônica Leal estava com 17 anos quando entrou em jornalismo. "Achei que, como era boa em português e gostava de escrever, tinha tudo para me dar bem no ramo. Mas me enganei", conta ela, hoje com 30 anos. "Fiquei dois anos e saí. Fui para letras. Fiquei mais um ano. Só então tive certeza de que queria filosofia."

Formada, resolveu fazer pós-graduação em educação e é com isso que trabalha hoje. "Não me arrependo de ter feito esse caminho. Ao contrário, me sinto mais segura, tenho mais bagagem." Quanto mais abrangente a profissão, maior o leque de ocupações, lembra Fraiman. Carreiras com campo de trabalho muito específico, como odontologia e oceanografia, oferecem menos possibilidades de mudança. Já se fizer administração de empresas, por exemplo, pode exercer a profissão em bancos e empresas dos mais variados setores. Mas isso não significa que escolher baseando-se apenas nas possibilidades de emprego seja uma boa idéia. O mercado é dinâmico. O que hoje dá dinheiro pode não ser mais tão lucrativo daqui a cinco anos. E um bom profissional faz o seu mercado. "O sucesso depende mais da atitude da pessoa do que da profissão", afirma Fraiman. "E de quanto ela está disposta a investir na própria formação para crescer na vida." Luiza Mendonça, 19 anos, teve que explicar bem direitinho à família que faculdade é essa de design de games que pretende fazer. Como é boa de desenho, esperava-se que fosse seguir arquitetura, a profissão da mãe. Ela teme que não encontre trabalho na área que escolhi. Mas arquitetura não é o que meu coração quer. Sou muito ligada em informática e, desde que comecei a pesquisar sobre essa nova profissão, fiquei animada. Tenho assistido a algumas aulas na faculdade, conversado

com os professores e com alguns alunos do curso. Não sei muito do mercado, mas vou apostar porque é o que eu gosto."

"É importante que o jovem escolha uma profissão compatível com sua personalidade e gosto", diz Fraiman. Para ajudá-lo nessa tarefa, ele desenvolveu em sua clínica um questionário com 240 perguntas. Com base nele, traça um perfil das aptidões profissionais e pessoais do vestibulando. "Passada essa etapa, ele tem uma agenda de atividades a cumprir, como seminários, visitas às faculdades e contatos com profissionais, para que possa, então, refletir com o máximo de informação", explica. Francisco Oliveira, 17 anos, seguiu esse roteiro para tomar sua decisão. Ele adora música e, num determinado momento, cogitou se profissionalizar - só para desistir logo em seguida. "Não me via estudando piano oito horas por dia", confessa. No fundo, sempre soube que faria alguma coisa ligada à matemática. Pensou em engenharia, depois em ciência da computação, mas na terceira série do ensino médio decidiu que queria fazer física. "Soube, pelo meu professor, que haveria uma série de palestras sobre o assunto na USP, porque 2005 foi o ano da física. Então, corri atrás. Conheci o Instituto de Física, assisti a algumas aulas e tive certeza. Acho impossível eu me decepcionar com o curso, mas, se isso acontecer, eu mudo, qual é o problema?"